

Médico alerta para riscos de hormônio de crescimento

Remédios para aumentar estatura são usados de forma abusiva, diz especialista

STELLA GALVÃO

A obsessão de pais e filhos adolescentes por alta estatura pode interferir no ritmo normal de crescimento e até interrompê-lo precocemente. “Medicamentos à base de hormônios de crescimento e anabolizantes estão sendo usados de forma abusiva, o que pode ter sérias conseqüências”, alerta o presidente da Sociedade Latino-americana de Neuroendocrinologia, endocrinologista Marcello Bronstein.

Os casos em que se aplica o uso terapêutico dessas substâncias são claros e restritos, explica o médico. Elas são recomendadas para crianças com baixa dosagem de hormônio de crescimento ou então quando, na avaliação do ritmo de crescimento e da idade óssea, o médico conclui que a perspectiva de crescimento está muito abaixo dos limites verificados na população normal. O maior risco para quem foge a esse diagnóstico é o de que o feitiço vire contra o feitiço. Ou seja, quem desejava ter um filho longilíneo termina por bloquear essa possibilidade.

O uso de hormônios para acelerar o desenvolvimento pode desencadear o fechamento das cartilagens de conjugação — por onde cresce a estrutura óssea —, interrompendo o ganho de altura que poderia vir a ocorrer. “O hormônio sexual tem um mecanismo duplo: se por um lado estimula a altura, por outro fecha as cartilagens”, esclarece. O mesmo

efeito pode resultar do uso indiscriminado do hormônio de crescimento.

Um garoto que entrou na fase do estirão puberal — que nos meninos ocorre em média dos 11 aos 16 anos e nas meninas dos 10 aos 15 anos — tardiamente pode não ter um ganho súbito de altura, mas em compensação ele cresceu lentamente antes da aceleração definitiva. No pico do crescimento, eles podem ganhar até 10 centímetros por ano e elas, de 8 a 9 centímetros.

A puberdade induz alterações vitais na altura, peso e maturação sexual — ganha-se 25% do peso e 50% da estatura do futuro adulto. Esse processo sofre influência da carga genética adquirida e de fatores ambientais como nutrição e prática de exercícios.

“Os aspectos mais comumente associados ao crescimento são de origem genética e nutricional”, afirma o chefe da disciplina de Nutrição e Metabolismo da Escola Paulista de Medicina, Mauro Fisberg. Ele ressalta que pais que medem 1m40 dificilmente vão gerar um filho com potencial para 1m80. Mas há ainda a constituição pessoal: é o caso daqueles que, por condição inata, vão parar de crescer vários centímetros abaixo da maioria dos familiares.

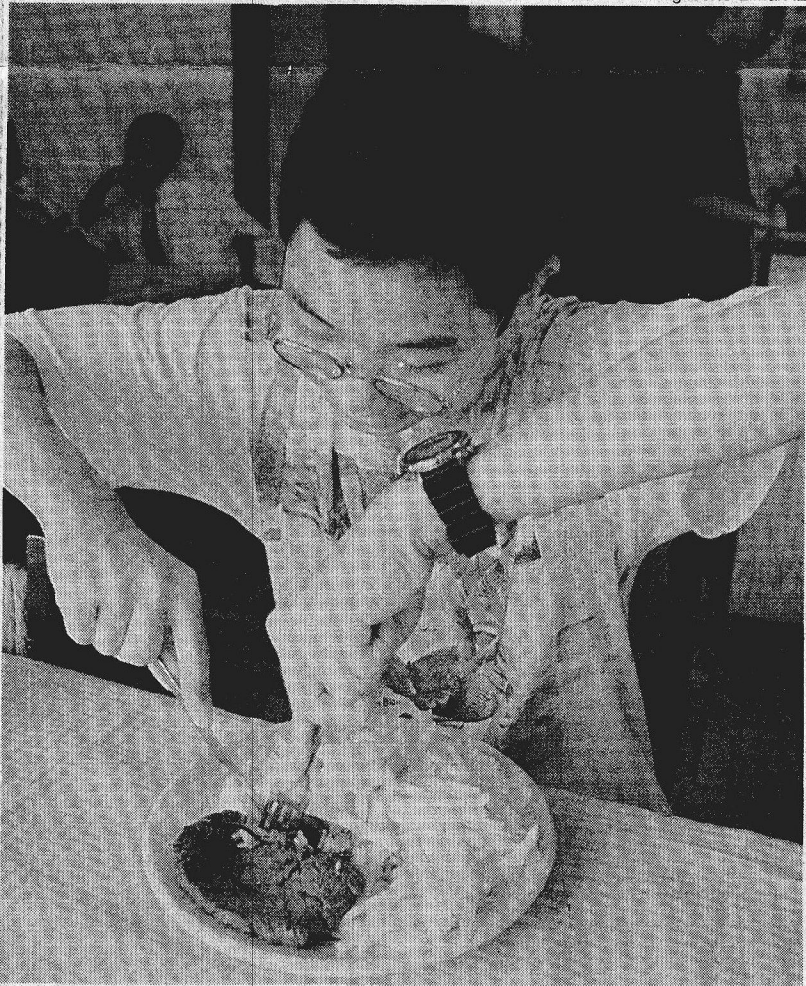
A situação é pior se a condição econômica for precária. “Se a família é baixa e a gestante não pode se alimentar adequadamente, o bebê nascerá com baixo peso e, provavelmente, terá baixa estatura”, explica Fisberg.

Agliberto Lima/AE



Aspirações diferentes

As irmãs Flávia (esq.), 1m68, e Camila, 1m53: uma é alta e tem medo de engordar, outra é magra e quer crescer



Fome pantagruélica

Cláudio Taka, 57 quilos e 1m70, chegou a passar mal de tanto comer, na esperança de ganhar peso